

DAPANUR

Capítulo I - Sobre águas da tristeza -

O sol da manhã acariciava as marcas nas costas nuas de ébano de Dapanur. A luz contornava sua pele ricocheteando em longas e avermelhadas cicatrizes gravadas com chicotes de escamas.

, faz de suas mãos largas uma concha , levando a água cristalina até sua boca .

~QUE SEDE~ Pensou , fechando olhos com alívio da água gelada tocar seus lábios secos e escorrer na sua garganta como a uma cisterna que não que era reabastecida a anos.

A luz do sol estava forte e amarelada fechando um véu nos olhos de Dapa que dificultava focar sua visão no seu próprio reflexo .

Apertando os olhos , Dapanur finalmente se viu às margens do rio Hanovahr. Um humano forte e alto , mais alto que o comum. Sua pele era negra como . Seu rosto exibia mistas cicatrizes do lado esquerdo do seu rosto, que provavelmente era a razão da cegueira de um dos olhos . Havia uma marca de ferrar em sua bochecha, do mesmo lado de suas cicatrizes, uma queimadura gravada com letra Sle do idioma Nautês , que significa escravo, adornando de más lembranças sua pele.

Antes sua sede escurecia sua percepção de um modo que nem mesmo sentiu as águas gelarem seus pés .Por fim percebeu

~Ainda bem que é verão~ Pensou novamente lembrando que seria impossível tocar os pés naquelas águas no inverno.

O som da margem do rio trouxe um sentimento nostálgico para Dapa. Mesmo que sua terra estivesse do outro lado do mundo, era simplesmente impossível não lembrar da sensação de colocar os pés na água avermelhada, uma sensação nostálgica e ao mesmo tempo triste.

Suas lembranças da infância logo se pintam com sofrimento ao escutar estalar das canas que cresciam nas margens do rio. O barulho era semelhante ao rasgar do vento e ao toque amargo da ponta ferrosa do chicote.

- "Aaah"

Suas cicatrizes não o deixavam esquecer da dor que sentiu durante todos esses anos, sentimento relativamente comum entre escravos disciplinados pela rigidez Naut , conhecida pela covardia de escravizar espécies mais frágeis .

A amargura do moço interrompe seu devaneio , lembrando que o mesmo precisava preparar sua refeição.

Dapa quebra algumas canas com as mãos, escolhendo as vermelhas ao invés das amarelas , pois sabia que as vermelhas trariam o sal perfeito para o salmão que logo em breve ele teria de pescar. Ele as amarra e coloca dentro de uma cesta trançada presa no lado direito do seu quadril .

A água e o sulco da cana encharcava a cesta a passo que a atravessava e pingava beijando a margem do rio , voltando ao seu lar

Os olhos serrados dos Dapavur avistam salmões azuis de cerca de 90 nataks(centímetros) de comprimento , grande já que ele mais do dobro daquela altura

~Calma~ - Se abaixando , ele tenta diminuir sua presença para aqueles príncipes dos rios, que o observam ligeiramente enquanto nadavam dançando na água .

AGORA ! - Dapanur pula afogando suas mãos na água com a certeza de que pegaria um dos peixes.

Sua manobra resulta com o esquivar dos salmões derrubando o gigante de ébano magistralmente na água.

Os animais ao redor percebem a queda , fitando com olhos brilhantes o fugitivo encharcado .

~Eles devem estar rindo de mim~

Pensou Dapa, concluindo que pescar nunca foi seu forte.

Ao mesmo que se estende para levantar do tombo que levava, seus ouvidos escutam o estouro de uma gargalhada vinda do outro lado da margem, a risada era tão alta que mesmo com o barulho de uma pequena queda d'água vinda de rochedo , sobressai a orquestra. Ao mesmo tempo bronca e infantil a o gargalhar toma sua atenção.

SUSTO - Dapanur se depara com um Kodiak . Mas logo seu espanto se ameniza .

A criatura media cerca de um kaluk (metros) e cinquenta nataks de altura , baixa para sua espécie, indicando que se tratava de uma criança. Ela era marrom , da cor das árvores trazidas pelos viajantes do mundo antigo. Possuía um pelo denso , dentes pequenos e pontiagudos, olhos pretos. Sua aparência era similar aos ursos do antigo mundo dos viajantes , ancestrais de Dapa.

Ambos se encaravam entre doze nataks de distância um do outro .

- O quê é ? Vai ficar parado ? Assim não vai conseguir pescar nada!

O garoto Kodiak fala no idioma Inglan com sotaque forte , arranhando as frases um rugido agudo e desafinado.

Dapanur permanece em silêncio ,desconfiado, desconfiança essa adquirida pelos vinte e um anos de trabalho escravo que serviu,até fugir dos campos de trabalho escravo em Nautilus , ao Sul dali.

- Você vai morrer de fome se continuar pescando assim o jovem Kodiak insiste.

A inocência do garoto o motiva a caminhar até próximo de Dapanur olhando para água atentamente observando o peixes.

Com uma espécie de arpão com garra na ponta o jovem desacelera seus movimentos o foca sua visão em salmão grande , até maior do que Dapa estava tentando pegar .

- Devaaaagar , muita caaalma . O garoto fala bem baixinho enquanto segue com seu arpão o nado do peixe.

Em um golpe rápido a vida do peixe é tirada . O garoto o levanta fazendo força, uma força que Dapavak conclui ele deveras não teria com a mesma idade.

- "Não adianta ter pressa, você tem que respeitar o salmão, ele é o dono do rio. Ele tem o próprio tempo, se respeitar esse momento, ele permitirá que você possa se alimentar dele."

Exclama o pequeno rapaz com tom de sabedoria enquanto joga o arpão para Dapanur

O gigante de ébano bano se questiona sem entender a filosofia dita pela criança , já que ele acredita que animais como salmões não pensam .

A fome de Dapa o impele a fazer a mesma coisa que Kodiak tinha feito. Repetindo o mesmo processo, capturou um salmão gordo e suculento, que faria qualquer um sentir fome. Nesse momento a barriga do pescador iniciante rugia de fome.

O garoto pergunta enquanto observava o estranho colocar o peixe brigando por espaço com as canas recém cortadas dentro de uma cesta trançada amarrada no quadril.

- O senhor é um guerreiro ?

- Sou um sobrevivente.

Responde Dapanur estranhando ser chamado de senhor , visto que nos campos de trabalhos forçados o único que era chamado por tal título era o mestre dos escravos.

O menino Kodiak observa com olhos de inocência , talvez porque ainda não descobriu o quão selvagem é esse mundo .

- Meu nome é Karian Unalaq.

Diz a criança com um tom de orgulho nome, batendo na bandana amarrada em seu braço gorducho e felpudo .

Antes mesmo de continuar puxando assunto , as palavras de Karian são interrompidas por um rugido alto, quase como um golpe de uma pedra grande caindo do rio.

Uma Fêmea Kodiak o chama , impondo medo no garoto com sua expressão de braveza e preocupação por seu filho estar conversando com estranho.

O pequeno,se vira bruscamente, corre até sua mãe , virando de costa , deixando amostra uma espécie de pequena túnica , que ali talvez havia gravado o símbolo de seu clã. A ilustração era borrada e desgastada,provavelmente pelo motivo de sempre estar encharcada já que os kodiaks sempre estão pescando.

As horas passam .Era cerca da nona hora e em breve iria escurecer

O orgulho de ter pescado um salmão dos grandes conforta sua barriga depois de uma boa refeição. O sal da cana vermelha ainda está fortemente repousando em sua língua, fazendo Dapanur sentir sede .

A preguiça pós refeição castiga seu corpo, mas a sede a vence motivando o gigante a levantar.

Quando chega a margem matando a seca dos seus lábios. A ideia repentina de adentrar mais a frente do rio se torna bom para fazer com a leseira que possuía seu corpo fosse embora.

Caminhando até que a água chegasse em seu quadril molhar seu corpo e livrá-lo do sono, um brilho cintilante acerta o gancho que prendia sua adaga em uma tira de couro que estendia diagonalmente. seu torso , algo improvisado com pedaços do grilhões que outrora o prendia nos campos de trabalho forçado.

A curiosidade toma a visão de Dapa o chamando para verificar a fonte daquele brilho estranho. Conforme caminhava na água gelada.

Um frio consome sua barriga, percorrendo todo o corpo de Dapa fazendo-lhe acelerar o coração. A fonte do brilho era a extremidade do peitoral de uma armadura que vestia um corpo deitado na água adormecido pela morte. O cadáver estava em alto estado de decomposição. O osso da perna direita estava quebrado.

- Não é possível

Dapa exclama falando sozinho com voz embargada de espanto e curiosidade.

Observando atentando corpo boiando , Dapanur concluiu que aquele cadáver antes era um escriba de sua terra natal, Onoro. Ele pode concluir com toda a certa , já que corpo trajava uma veste de linho fino branco marfim , que brilhava como espada . O saiote portava ilustrações de trigo aquático, algo marcante da cultura yavuh. Possuía caneleiras feitas de metal salinizado , um mineiro proveniente do deserto de sua terra natal.

Havia algo que chama mais atenção. O estilo do traje era algo antigo, de mais de cem ciclos de idade . A julgar que Dapa tinha 28 ciclos de idade, aquele traje era de uma era antiga. O fato das túnicas estarem em perfeito estado mostrava ainda mais que aquele outrora era um cidadão Yavuh.

Colocando as mãos na água , Dapa tenta puxar o corpo , que estava com a perna esquerda calcificada no solo do rio. O movimento foi brusco , quebrando os ossos que ali estavam protegidos pela caneleira .

~O que é isso~

Pensou Dapanur , ao ouvir uivos semelhantes a risadas que ecoam pelo vale onde o rio Hanover estava deitado .

Poucos instantes se passam e Dapa percebe que está sendo observado . Três figuras de olhos amarelados, de roupas rústicas de tecido e pele que o cercava entoando latidos e uivos com se estivessem rindo .

- Renegados !

Dapa falou baixinho com tom de irritação e incômodo .

Os três eram Otawas . Mas não Otawas do reino Calgary ou Ohio . Mas sim renegados que foram apartados da grande alcatéia por caça ilegal e crimes bárbaros cometidos no passado. Otawas eram criaturas bípedes canídeos semelhantes aos cães, animais do antigo mundo .

- Sentimos um cheiro de salmão vindo da fogueira . Ora que falta de cortesia um estrangeiro não chamar os anfitriões para refeição

Exclamou um Otawa de pêlo malhado com manchas brancas, trajando vestes pálidas que cobriam as partes inferiores do seu corpo .

- É mesmo, nem nos chamou para jantar. O bom é que parece que a comida não acabou.

Balbuciou outro lambendo os lábios e passando a língua nos dentes. Dessa vez uma fêmea, com a voz rouca como a de seu companheiro , porém mais aguda.

- O que é andarilho? Um Nyraxi roubou a sua voz ?

Perguntou, o terceiro Otawa que estava mais próximo de Dapanur, citando um dito antigo comum entre os humanos.

O silêncio encharcava de tensão o momento.

Dapa responde as perguntas com silêncio.

A única coisa que se ouvia era o som dos ossos no colares daqueles bárbaros caçadores, que chacoalhavam violentamente batendo um no outro.

Uivos risonhos dão início a luta pela sobrevivência.

O mais próximo do Otawa parte para cima de Dapanur com uma espada rústica .

O colosso de ébano apara o golpe segurando o braço do bárbaro e o erguendo apertando os pelos das costas com a outra mão , atirando o Otawa para atrás de si, caindo em cima de uma pedra com a face para fora da água.

O segundo que tinha dentes tortos e olhos estrábicos o ataca com duas espadas . Um dos golpes Dapa o desarma o jogando a umas das espada no rio. O segundo falha arranca apenas um arranhão em seu peito.

Novamente o renegado o ataca , com um golpe de espada de cima para baixo na diagonal ,que falha ao Dapanur segurar antebraço do caçador com uma das mãos , apertando como um grilhão aberta um prisioneiro.

O bárbaro gritando puxa uma adaga que acerta entre o ombro e o peitoral de de Dapa.

Dapanur rugiu de dor rangendo os dentes .

Movimentando o seu tronco e quadril em sentido opostos . Dapanur acerta o Otawa que o feriu com uma cotovelada no maxilar. O golpe foi tão forte que parecia a batida de um martelo de guerra.O caçador cai inerte na água.

A última dos caçadores, fêmea, e que por estar portando colares maiores indicava ser a líder, tira de seu sinto um chicote de escamas e desencadeia uma sequência de chicotadas

Os golpes são gatilhos para ele . Cada chicotada o fazia lembrar de como sua vida foi difícil,dos vinte um ciclos da sua vida que foram tomados.

Os golpes feriam sua pele, que já havia sofrido tanto , castigada com a mesma dor. A mágoa consumia seus olhos, deixando-os pesados demais para ficarem abertos.

- Não adianta resistir , a única coisa que um escravo tem para fazer é obedecer e esperar o dia de sua morte escória !

Gritou a renegada ao ver a marca de escravo gravada no rosto de Dapanur.

Aquela frase foi como se Dapa tivesse emergido das águas da dor .

Ele segurou o chicote entrelaçando em seus braços, travando impedido a caçadora de golpeá-lo

Esticando o outro braço o gigante de ébano pega uma das caneleiras presa a perna do escriba outrora morreu, puxando de tal maneira a ponto de quebrar os ossos antigos.

A tensão passava como eletricidade no chicote, um embate que logo teria fim.

Dapanur puxa com força a renegada com chicote entrelaçado em seu braço. Com um movimento a maestral usando a outra mão que empunhava caneleira dourada acerta fatalmente a caçadora, caindo na água.

A adrenalina toma conta do furioso homem que logo percebe que o primeiro caçador que havia sido jogado para trás, portava uma corneta pequena feita de chifres, e com desespero tentou chamar pela ajuda de sua matilha.

O som agudo da corneta rapidamente foi interrompido pela mesma adaga que antes estava cravada em Dapa, e que voou como flecha em direção ao último renegado o tirando a vida.

A amargura ainda o embriagava. Dapanur gritou, tão alto a ponto de ecoar pelo vale, assustando as criaturas voadoras que assistiam a batalha. Ele estava cansado. Cansado de fugir, cansado de sentir dor, cansado de sofrer. O céu era consumido por alaranjado flamejante anunciando o por do sol.

Ele olhou novamente para seu reflexo na água, para as novas cicatrizes que ganhou.

Seus olhos se enchem com nuvens tempestuosas e lágrimas despencam na água tingindo o rio de tristeza.

ARTHUR

Um bocejo compete com as folhas das árvores. A breve soneca de um pequeno pastor terminara. O garoto se espreguiçava deitado em um longo tapete natural da pelagem de um Hakonak, um animal quadrúpede canídeo, de longas presas porém muito fiel à quem é seu mestre, utilizado para pastorear Méoburs e Muheens.

- Mahv, as irmãs estão lindas hoje!

Disse o menino olhando para as três luas que enfeitavam o céu da província de Bergaaden.

- Bom já já entraremos no crepúsculo, é melhor recolhermos o rebanho da alteza

Falou o garoto se espreguiçando mais uma vez.

O rebanho estava a pastar nos campos reais , uma parte separada em pequenas Gor'guuns , porções de terra flutuantes que davam nome ao planeta Gorgun elas ficavam dispostas, ao redor do castelo da rosa, na parte mais alta da montanha, onde foi construído Gartengard . As porções de terra eram bem pequenas comparadas as Gor'guuns ancestrais que no passado , vivam a extinta civilização Haida, exterminada na última Guerra Yarot.

Com um apito em forma de meia lua, o pequeno pastor sopra um harmônico doce , semelhante ao uma nota tocada de flauta de pan para reunir as méoburs . Instantaneamente os pequenos sino afivelados aos pescoços dos animais começam a chacoalhar e soar sons fora de ritmo.

A passo que as criaturas felpudas se aproximavam ao redor do menino , o Hakonav companheiro as sitiava fazendo com que ficassem bem próximas uma das outras .

- 1,2,3,4,5 ...6
contava cuidadosamente cada uma do rebanho .

- 7,8,9...10,11.....

Parando na décima primeira , a criança gagueja a contagem buscando a última Méoburs que não atendeu ao seu chamado.

- "Yyyyyyyyyyhg"
gritou o menino .

- " Yyyyyyyyyyyyyyyyyyhg"
Gritou novamente colocando as mãos paralelamente a boca para o som ficar mais alto.

O chamado do pastor não teve nenhum retorno .

Decidido a procurar a méobur perdida.

Assobiou e deu um comando para que, Mahggie sua companheira farejasse - a . A Hakonav se movimento rapidamente ofegando com seu faro apurado . A vegetação se movimentava com a busca de Mahggie.

A fêmea Hakonav para a trinta kaluks de distância.

Mahggie latiu . O menino sabia pelo latido que sua companheira havia encontrado algo .A essa altura do tempo ele tinha lançado todas as méoburs para não se perderem.

Ele correu atravessando a vegetação alta do campo até Mahggie.

~Ahh esse não~

Pensou alto , ao ver a pobre méobur perdida morta com arranhões e mordidas .

- Não é possível, como isso aconteceu ? Não existem predadores nas pastagens reais .

Pensou o menino novamente.

Passando os olhos ao seu redor observou que próximos aos seus pés havia uma escama solitária jazida no pasto. A escama era longa igual as folhas de lírios campo, o que deixou o rapazinho confuso. A escama era avermelhada , cor de sangue porém transparente a ponto do garoto enxergar o chão . A textura era como de seda extremamente bem fina .

Análise do garoto logo foi interrompida com um susto de bater de asas das criaturas voadoras ao seu redor.

- ARTHUR !!

Ecoou no pasto uma voz como um trovão

- Você está atrasado, já era para você ter recolhido todo o rebanho .

O peso das palavras entregava para ao menino quem o chamava com repreensão . O homem da voz estrondosa era Olaf Khof , o chefe dos animais reais. Ele era alto e gordo, com cabelos desbotados dispostos para trás de maneira desleixada. Sua barba era do mesma tom , com manchas cor de cobre que brigavam com o grisalho de alguns fios. Trajava uma roupa esfarrapada e suja ,que exibiam seus fortes braços cabeludos. Um avental sujo de couro era pendurado em seu pescoço e amarrado em cintura.

Conforme estava chegando perto do menino o cheiro de estrume e celeiro que vinha de Olaf abraçava o ar.

- Onde estava menino ? Já era para todas as méoburs estarem no celeiro. A vossa rainha está esperando o rebanho para abater o novilho mais novo

Falou Olaf esbravejando de maneira que as palavras se enrolavam ao serem ditas . O cheiro de estrume entrava nariz de Arthur

- Desculpe - me Sir Olaf , é.. que uma das méoburs fugiu dos meus olhos.

Disse o garoto com pedras na consciência por ter gastado tempo olhando para as nuvens procrastinando suas obrigações.

- É mas, onde ela está ? Você a encontrou ?

Perguntou o mestre dos celeiros .

- É.... Não senhor

Mentiu o menino olhando para baixo e com as mãos para trás .

O grandalhão olhou para o rapazinho e para Maaghie, que estava com os rabo entre as pernas. Olaf sentiu o cheiro da mentira do mesmo jeito Arthur sentiu o cheiro de esterco.

Olhando para o chão o mestre dos celeiros viu sangue na terra, e também viu que Arthur escondia algo atrás de si .

Olaf suspendeu o pastor pela túnica como um filhotinho, algo fácil de ser feito mesmo com as memórias de batalhas escritas no seu corpo turbulento, afinal Arthur tinha apenas sete ciclos de idade , era bem leve.

A verdade foi revelada , a mentira do pequeno Arthur escorreu na grama. Olaf viu a méobur perdida morta , que inclusive era justo o novilho que seria utilizada para o banquetta real da rainha aquela noite.

